

EDITORIAL

É com enorme satisfação que apresentamos este novo número da Revista *Instante* inteiramente dedicado à Filosofia Contemporânea, com ênfase em Ética e Filosofia Política. Na primeira parte, reunimos três artigos sobre ética contemporânea que compreendem temas como bioética, direito animal e ética ambiental. Na segunda parte, apresentamos dois artigos de escopo marcadamente político que versam sobre autoridade, dignidade política e biopolítica e um artigo que discute o papel da religião no âmbito da sociedade secular. Esperamos que o leitor aprecie nossa edição e sintá-se instigado a contribuir com os debates que ora fomentamos na Revista *Instante*.

Abrimos esta edição com um trabalho de Thalles Azevedo de Araujo e Delles Duarte Lima sobre *O princípio responsabilidade de Hans Jonas e as repercussões na bioética*. Mostrando como o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas no campo da tecnociência traz um enorme poder de intervenção sobre todas as áreas da vida cultural e natural, os autores destacam a necessidade de aprofundamento das reflexões éticas a partir das contribuições de Hans Jonas. Destacando as limitações da ética tradicional ante o desafio imposto pela civilização tecnológica, os autores mostram como a proposição de Jonas do princípio *responsabilidade* (sustentado pelos conceitos de *bem*, *finalidade* e *vontade* e lançando mão de uma *heurística do temor*) contém todos os requisitos de uma ética pró-vida, princípio primordial da bioética.

No artigo *Ética, igualdade e defesa dos animais em Peter Singer*, Géssyca Deize Santos Medeiros apresenta o *princípio da igual consideração de interesses* como fundamento moral básico para a sustentação, por parte de Peter Singer, da sua tese a respeito da igualdade. Vemos aí que Singer defende a aplicação do princípio da igualdade em defesa dos animais não humanos, ao lançar mão do critério de senciência. Com isso Singer invalidaria as perspectivas excludentes provenientes das éticas tradicionais, sobretudo do especismo. Medeiros defende aqui que a filosofia da libertação animal singeriana é uma atitude abolicionista, uma vez que, ao incluir os animais não-humanos no âmbito da comunidade moral, exige de maneira radical o fim de toda e qualquer forma de exploração dos mesmos.

Já o trabalho de Lis Helena Aschermann Keuchegerian, intitulado *Um olhar filosófico sobre a questão do descarté*, apresenta uma reflexão sobre a ação do descarté e suas repercussões no mundo contemporâneo tomando como motivo principal as contribuições de Martin Heidegger. Lançado mão de textos como *A questão de técnica* e *A Coisa*, Keuchegerian mostra como a preocupação de Heidegger no que diz respeito à relação de mera utilidade e manipulação das coisas nos convida a problematizar a questão do descarté e suas consequências. A atmosfera do artigo é permeada pelo ar da “cidade de Leônia”, de *As Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino. A pressa com que os habitantes de Leônia se desfazem de seu passado e de tudo o que é supostamente “velho” representa de maneira privilegiada a ação do descarté como algo que manifesta um modo de ser do homem. A autora finaliza com duas referências complementares importantes: uma,

a *As Três Ecologias* de Félix Guattari; a outra, ao *Princípio Responsabilidade* de Hans Jonas.

Abrindo as discussões sobre política, Matheus Martins Ferreira escreve sobre *Hannah Arendt e o conceito de autoridade no resgate da dignidade da política*. O autor mostra como o conceito de autoridade, assim como Arendt o concebe, é condição essencial para o resgate a dignidade da política, uma vez que garante a existência de um espaço público fomentador da pluralidade e desarticulador de estruturas totalitárias. A partir da análise de obras como *Entre o passado e o futuro* e *Origens do totalitarismo*, Ferreira nos apresenta de maneira clara a visão de Arendt sobre a desarticulação política moderna a partir da análise da derrocada da autoridade (associada aos conceitos correlatos de religião e tradição), ideia que conferiria estabilidade a um determinado arranjo político-social sem recurso a qualquer forma de violência ou coerção.

O próximo trabalho, de atualidade insuspeita, intitula-se *Agamben: uma reflexão sobre a exclusão que fabrica a vida nua na política ocidental*. Lançando mão do *Homo Sacer I: o poder soberano e a vida nua*, Tarciano Silva Batista nos apresenta os mecanismos de produção da *vida nua* como um dos pilares da construção das intuições políticas, fenômeno que remonta à formação da *polis* grega.

Fechamos com o artigo *O cidadão secular e o ponto referencial transcendente habermasiano*. Aqui, Írio Vieira Coutinho Abreu Gomes e Bruno Rodrigues de Sales apresentam a perspectiva habermasiana acerca da relação entre cidadãos seculares e religiosos em uma sociedade marcadamente secular, de um lado, e multiplamente religiosa, de outro. A partir das contribuições de Habermas, os autores discutem se existe no mundo secular a possibilidade de articulação de um referencial transcendente. A ideia de intersubjetividade linguística, cara à teoria da ação comunicativa, aparece como um elemento fundamental para a compreensão da ideia de um ponto de referência transcendente. Mostra-se, a partir daí, como Habermas advoga uma perspectiva conciliatória entre o discurso secular e o discurso religioso, de modo que a racionalidade e a religiosidade possam interagir como agentes de uma verdadeira ação comunicativa, cientes de seus respectivos limites.

Ramon Bolivar Cavalcanti Germano

Editor Responsável